05 SET 1988
CORREIO BRAZILIENSE
DF-Educação

Uma aula de abandono e falta de administração

ELIANE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

Nem com muita boa vontade a equipe de professores e servidores da Escola-Classe QNP 14, da Ceilândia, pode oferecer atendimento razoável aos 800 alunos, distribuídos em três turnos de 1ª a 4ª série do 1º grau e supletivo. A comunidade descobriu que a premissa de que a escola é a continuação do lar não existe e convive, diariamente, com a falta de recursos, segurança e da tão necessitada merenda escolar.

Com menos de dois anos de existência, o colégio, que ainda não possui registro oficial, é o verdadeiro retrato da crise no sistema educacional. A manutenção, devido ao estoque zerado de material de limpeza, está seriamente comprometida. Quem entra no depósito tem essa constatação: as prateleiras estão praticamente vazias.

GIZ COLORIDO

"Acabamos de abrir nossa última caixa de giz", lamenta a encarregada pedagógica, Maria Lúcia dos Santos. A professora da 4ª série, Adriana Barbosa, afirma que é a primeira vez que isso acontece e lembra que há ainda à disposição dos docentes giz colorido. "O problema é que os alunos não exergam direito".

Apagadores, grampeadores e furadores de papel não estão faltando, graças a pedidos anteriores. Contudo, não há sequer uma folha de papel. "Graças às doações estamos utilizando papel de computador", esclarece Maria Lúcia. Quanto aos livros didáticos, estes são utilizados

na biblioteca sob esquema de escalas por turmas. "Os alunos se interessam muito, mas não temos livros suficientes, nem mesmo de literatura infantil", conta a bibliotecária Helena Nobre de Aguiar.

Segundo ela, embora o interesse seja intenso, é grande a quantidade de livros que não são devolvidos ou que têm de ser recuperados após as devoluções. Para a bibliotecária, os 1 mil 600 volumes não atendem à demanda. Acrescenta que o espaço é também utilizado como sala de leitura e atividades de Português.

Quem quiser tomar café tem de pagar por ele. E os professores, por esse motivo, contribuem mensalmente na compra do produto. O único recipiente de lixo, que se constitui numa manilha de cimento grudada ao solo, causa vários problemas aos agentes de limpeza. Como os detritos não são recolhidos pelo Serviço de Limpeza Urbana, devem ser queimados.

Com o açúmulo de lixo, o entupimento na manilha torna-se uma constante na vida dos servidores, que arrecadam dinheiro e pagam uma pessoa para desentupi-lo. "Cada um de nós dá Cz$ 50 (oito ao todo), porque não podemos deixar a escola suja", diz Viçência Irenilda Carvalho, 54 anos, há 18 funcionária da Fundação Educacional.

Não há telefone na escola. "Quando precisamos pedimos nas casas vizinhas", explica Maria Lúcia dos Santos. O único "bebedouro" é desprovido de torneiras e os alunos são obrigados a beber água no banheiro. Na secretaria existe apenas uma máquina de escrever, "que mesmo assim não funciona direito", completa o servidor Neemias Marcelo Barros. "Havia duas, mas uma foi roubada por marginais".

As salas de aula estão em bom estado porque são novas. Bem ventiladas (não há janelas, mas várias portas voltadas para a parte externa) e razoavelmente iluminadas. O colégio possui uma çantina bem espaçosa, fechada nos últimos dias pela falta da merenda. Os banheiros — dois para alunos, dois para professores e um para servidores — funcionam adequadamente.

Lazer é utopia. Toda a área não construída é coberta de britas (pedras de cimento). A quadra de esportes usada pelos estudantes não pertence ao colégio. Fica na parte externa, sendo aberta à comunidade local. "Não dá para desenvolvermos um bom trabalho pela falta de recursos", desabafa a encarregada pedagógica.

Segurança ainda é o pior drama

Dona Vicência, da limpeza, já sabe que com o auxílio de um cabo de vassoura pode afugentar os "marginais" que circundam a escola dia e noite. Sua colega, Brandina do Amaral, trancou no banheiro duas semanas, "dois vagabundos que depois conseguiram fugir". Na falta de vigias vale tudo na defesa do estabelecimento. Mas, infelizmente, nem sempre isso torna-se possível.

A questão da segurança é o ponto chave da Escola-Classe QNP 14. As portas laterais não possuem fechaduras e mesmo se tivessem, o calor não permite que fiquem fechadas. "Às vezes somos incomodados por desocupados que gritam, atiram pedras e interrompem nosso trabalho", afirma a professora Adriana Barbosa. No período diurno o porteiro Robeilton Silva corre o tempo inteiro atrás de pessoas que dizem que vão procurar determinado estudante "e ficam vadiando e andando pelas salas".

TERROR

Há apenas um vigia à noite, que não dispõe de outro companheiro para revezar os turnos. Para os alunos do supletivo o déficit se faz presente a partir do momento em que é desligada a chave geral. "As luzes são apagadas e os marginais começam a gritar e bater nas portas", descreve Vicência Carvalho "a sessão de terror".

Na opinião do porteiro Robeilton, tratam-se de pessoas ociosas que provocam tanto alarde sem quaisquer explicações. Mesmo assim a falta de torneiras no único bebedouro da escola e o furto recente de uma máquina de escrever são provas bastante concretas de que o problema está longe de ser resolvido. As cercas de arame farpado estão apenas limitando a área, pois são muito baixas e danificadas. No lugar onde se situa nem a beleza arquitetônica do colégio será poupada se não for tomada alguma providência.

Agora não há nem mesmo merenda

Não chega a ser muito difícil acreditar que existem crianças que só se alimentam quando estão na escola. Ler e ouvir os noticiários sobre a falta da merenda escolar pode assemelhar-se à notícia de que mais uma bomba explodiu em Beirute. No entanto, quando vista de perto a realidade apresenta outro tom. Na QNP 14, sem alternativa, os alunos resolveram, literalmente, repartir o pão.

Nunça o lanche fornecido pela Fundação de Assistência ao Estudante foi tão precioso. Arroz, feijão e carne de charque ao invés de representarem uma complementação alimentar eram essenciais até mesmo para o aprendizado. Há 15 dias as refeições passaram a ser racionalizadas. Semana passada, elas acabaram de vez.

TONTEIRAS

Dos 29 alunos da professora Maria das Graças Jacob, 18 têm levado lanche de casa para dividi-los com os colegas. "Os meninos trazem pão, refrigerantes, sucos, biscoitos, vitaminas e minha mesa acaba ficando cheia de coisas". "Há crianças que, na falta da merenda, desmaiam, têm dores de cabeça e sentem tonteiras. Temos de dispensá-las".

Segundo a professora, quando começou a carência do lanche era grande o número de alunos que pediam para sair mais cedo. A idéia da merenda "comunitária" partiu de meia dúzia de estudantes. "Eu reforcei, em minha turma, lembrando que a escola é como uma família, e nossos irmãozinhos não podem deixar de se alimentar". Maria das Graças enfatiza que só na sua sala existem 12 alunos bastante carentes "que dependem muito desse lanche".

Na sala de Adriana Barbosa, professora da 4ª série, das 30 crianças 10 costumam levar lanche. "A maioria é bem carente", afirma. "Um aluno, um dia desses, tomou apenas uma xícara de café pela manhã e trouxe consigo o pão que deveria comer". Conforme a encarregada pedagógica, Maria Lúcia Santos, a volta da merenda deve ocorrer a partir deste mês. "Assim esperamos", enfatizou.

Maria Lúcia admite que se houvesse uma Associação de Pais e Mestres (APM) atuante esse problema seria solucionado, como vem acontecendo com diversas escolas da rede oficial. A entidade, segundo esclarece, está sendo criada essa semana. A diretoria já foi formada, faltando apenas que sejam determinadas as diretrizes. "A questão é saber se os pais podem colaborar ou não", lembrou.

ESCOLA CLASSE QNP 14
★★★

Salas de aula:	****
Banheiros:	***
Cantina:	****
Laboratórios:	*
Biblioteca:	**
Área de Lazer:	*
Área de Esportes:	*
Segurança:	*
Manutenção:	**

Cotação:

*****	Excelente
****	Bom
***	Regular
**	Ruim
*	Péssimo ou inexistente